

O maestro dos descontentes

OS ÚLTIMOS DIAS DE PAUPÉRIA, de Torquato Neto. 2ª Ed. Max Limonad, 454 pp. 4.400,00

Um dia viveu a ilusão de que a poesia bastaria. E que o mundo das palavras tudo lhe daria. Mas as palavras tem armadilhas – como dizia o próprio Torquato. Porque escondem, atrás de si, matreiras e silenciosas, toda a carga dos passos percorridos por seu poeta.

Torquato estava em campo aberto. Floresta densa de idéias avançadas. Tropicalismo, bananas e rock-and-roll. E as florestas tem fossos. Armadilhas pra pregar ursos. Ursos das palavras como o poeta piauiense. Um dia, no meio da floresta, quando completava 28 anos e chegava de uma caçada noturna em busca de si mesmo, Torquato entrou numa banheira. Trancou a porta e abriu o gás. Virou arcanjo, demônio ou querubim. Deve estar com Jimi Hendrix lá em cima, como em London-London 71, ouvindo o álbum branco dos Beatles e rindo de nossa santa mediocridade. Saudando o lindo pendão de nossos olhos tropicais, cogitando sobre os rumos que a pátria amada idolatrada tem a seguir.

Como disse o autor de “Mamãe Coragem”, existem várias formas de se fazer arte. Ele preferiu todas. Sem limitações. E nos deixou *Os Últimos Dias de Paupéria*, antevisão profética dos anos 80 na Terra Brasilis.

Um livro que chega agora em segunda edição (a primeira de pequena tiragem, publicada em 1973) misturando letras de música, seus artigos para o “Última Hora” carioca, poesias, depoimentos pessoais, um texto para televisão e cartas. Tudo num trabalho extremamente bem cuidado por Ana Maria S. de Araújo Duarte (sua mulher) e Waly Sailormoon (seu amigo).

E só os muito próximos poderiam chegar perto da compreensão da personalidade de Torquato.

1968-1972. Marca de anos negros na história do Brasil. O poeta tropicalista em 29/11/71 escrevia para Hélio Oiticica em Nova York: “mas indagora Ana telefonou pra contar que a flor do mal acabou de acabar: ordem dos homens, claro é terrível, esses últimos dias por aqui não estão fáceis. Transas incríveis nos altos escalões da republica”.

Flor do Mal foi uma das melhores revistas de cultura que existiram no Brasil, Dançou. Como tudo que era bom dançava a passo miúdo naquele passado recente. As inteligências emigraram. Torquato peregrinou, mas ficou. E não resistiu. Seu suicídio, de certa forma (e sem melodramas passadistas), foi o suicídio de toda uma geração que achava ser viável sair do marasmo da década de 70.

Sim, alguns gostavam de política. Algumas mulheres eram atrizes, trabalharam no Hair. Outras rebolariam anos depois nos Frenetic Dancing Days da vida. *Torquato foi de reboque na década fazer poesia em outras invernadas. Depois de ter cravado seu espírito definitivamente no espírito da Tropicália. Depois de ter sido o primeiro, o mais lúcido e o melhor dos poetas marginais, que anos depois invadiram as praças, os bares, todos os espaços com seus livros mimeografados embaixo dos braços. Torquato de certa forma abriu espaço. Ajudou a tirar o ranço acadêmico de nossa poesia.*

Um poeta que desfolhou várias bandeiras, anunciando o início da grande manhã tropical que nunca chegaria a ver. Em São Paulo, bebendo no antológico e hoje decadente “Bar Redondo” ou nos botecos da Galeria Metrópole, Torquato traçou vários planos. Germinou sua enxuta definição de Tropicalismo:

“Assumir completamente tudo o que a vida dos trópicos pode dar, sem preconceitos de ordem estética, sem cogitar da cafonice ou mal gosto, apenas vivendo a tropicalidade e o novo universo que ele encerra, ainda desconhecido”.

E vagando pelas ruas do Rio de Janeiro sob sua capa de “Nosferatu do Brasil”, Torquato trazia seu “Vida, Paixão e Banana do Tropicalismo”, programa escrito para a televisão em parceria com Capinam e que jamais foi encenado.

Nele um elenco que misturava Caetano Veloso, Nelson Motta, Gilberto Freire, Glauber Rocha com Ibrahim Sued, Jacinto de Thormes e Academia Brasileira de Letras. Uma grande definição visual do último grande movimento artístico acontecido no país.

Hoje, verão de 83, Jimi Hendrix ainda gira em umas tantas vitrola. Uma herança cultural foi deixada e mal interpretada. O Brasil é um grande coro de descontentes distantes das “louvações”. Luz do sol nos calçadões de Copacabana onde o poeta Torquato pisou nos seus últimos dias de paupéria. Dizendo: “eu sou como eu sou vidente/ e vivo tranquilamente todas as horas do fim”. Desce o pano, entra “Geléia Geral”, é hora de repensar. O livro de Torquato é obrigatório.

RICARDO SOARES